

5.3 FATALIDADES NO MERGULHO LIVRE NO BRASIL, 2002 – 2016

Dr. Bruno Parente, Irène Demetrescu e Sergio Viégas *in memoriam*

Este trabalho é baseado na coleta de dados de janeiro de 2002 até dezembro de 2016 sobre acidentes fatais durante o mergulho livre no Brasil, também conhecido como mergulho em apneia. Evidências de antes de 2002 são escassas e imprecisas. Uma estatística anterior já foi publicada no DAN *Annual Diving Report*, edição 2016.

A primeira fatalidade reportada no Brasil foi em 1981, quando um renomado preparador físico de seleção brasileira de futebol veio a falecer enquanto praticava pesca submarina no litoral da cidade do Rio de Janeiro. O acidente ganhou os jornais na época, porém suspeita-se de que não fora a primeira fatalidade.

Coletar os dados para este trabalho é desafiador, visto que alguns acidentes ocorrem com pessoas conhecidas e até próximas. As dificuldades técnicas ocorrem por conta de dados imprecisos, pois as informações são colhidas principalmente através da mídia, noticiários, pesquisas na internet e relatórios pessoais. Há carência de detalhes. Para completar, as

autoridades dificilmente investigam os casos, não são realizadas autópsias ou os relatórios dos legistas não estão disponíveis para consulta. Quando estes estão disponíveis, somente listam afogamento como causa do óbito, sem descrever as circunstâncias ou a sequência de problemas envolvidos. Finalmente, há ausência de testemunhas na maioria das vezes. Acredita-se que o número de fatalidades é ainda maior, já que os casos são subnotificados. Como notícias antigas podem surgir com o passar do tempo, a pesquisa torna-se dinâmica, com atualização contante dos números.

Muitos aspectos tornaram a modalidade popular no Brasil. A grande popularidade da pesca submarina, embora não existam estatísticas oficiais. O país possui 8.500 km de costas, 9.000 km de lagos e lagoas, e 35.000 km de rios. As maiores e mais populosas cidades encontram-se na costa, ou próximas dela. É esperado que um número crescente de indivíduos pratiquem atividades aquáticas, incluindo mergulho em apneia.

disponibilidade de destinos de mergulho e condições regulares de pesca são fatores atrativos para a pesca sub. O esporte foi introduzido na década de 50,

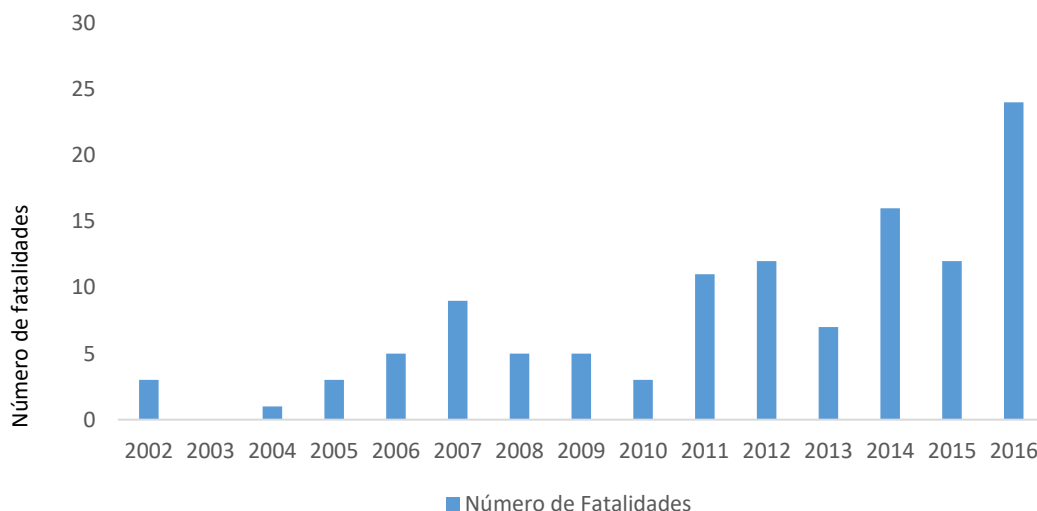


Figura 5.3-1: Fatalidades no mergulho livre por ano, 2002-2016

primeiramente no Rio de Janeiro e na sequência em São Paulo, se espalhou pelo país. Mais recentemente, também ganhou força no ambiente de água doce, em rios e lagos. As pessoas praticam a pesca submarina por fatores culturais, esporte e competição, fonte de alimento e até complemento de renda. A popularidade da pesca submarina ganhou ainda mais força nos últimos dez anos com disseminação de conteúdos pela internet. Já o mergulho livre competitivo que visa a quebra de recordes ainda é tímido no país.

O mergulho livre é considerado a modalidade mais perigosa de mergulho por conta do grande número de acidentes fatais. A falta de treinamento formal, falta de ganho progressivo de experiência sólida são fatores de risco de acidentes que envolvem os aspectos comportamentais, já que a maioria absoluta dos praticantes nunca passou por nenhum curso ou certificação em mergulho livre. Nos últimos anos, o acesso a informação vem sendo facilitado pela internet, pela disponibilidade de lojas de equipamentos, viagens e charter especializados, vídeos e materiais de divulgação. Essa combinação de falta de formação com acesso a informação pode levar a aumento de riscos por negligência e erros de técnica, com a

hiperventilação. Outros fatores contribuintes incluem fatores ambientais, mergulho desacompanhado, atitude, problemas de saúde, combinações de técnicas de mergulho com e sem fonte de ar.

Suspeita-se que a condição conhecida como apagamento no mergulho livre (antigamente chamada de apagamento em águas rasas), precedido por hiperventilação, seja a causa principal de síncope dentro d'água, seguida do afogamento, como mecanismos do óbito. Outras causas, em ordem de prevalência, atropelamento por embarcações, enrosco, problemas de saúde, disparo de arbaletes, aprisionamento em espaço confinado e choque elétrico. Não foram reportados acidentes com animais como causa de acidentes fatais. Todas essas causas foram listadas como causas de acidentes não fatais, porém as informações são ainda mais imprecisas e difícil de obter.

Nossa pesquisa contabilizou 118 casos de óbito no mergulho livre, reportados entre

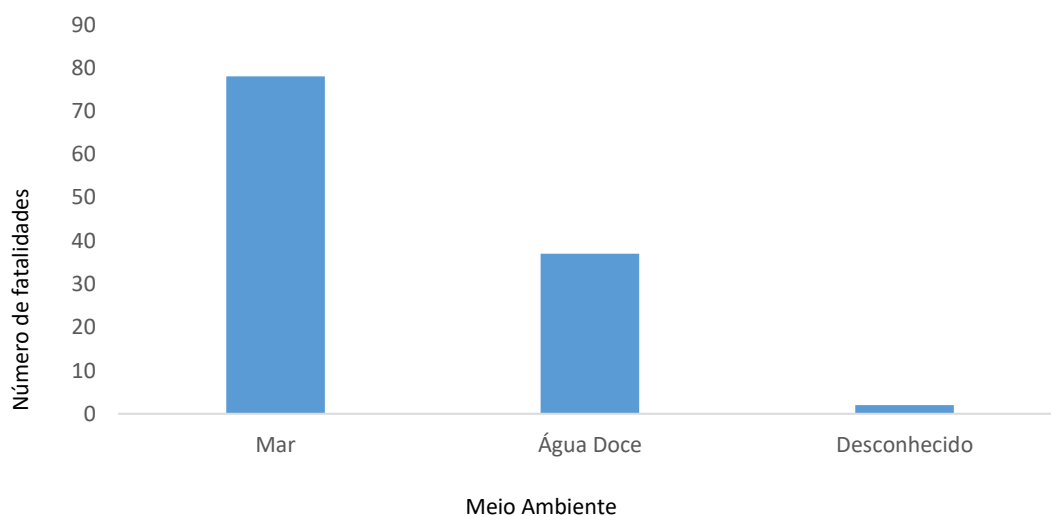


Figura 5.3-2. Distribuição ambiental das fatalidades do mergulho livre no Brasil, 2002–2016

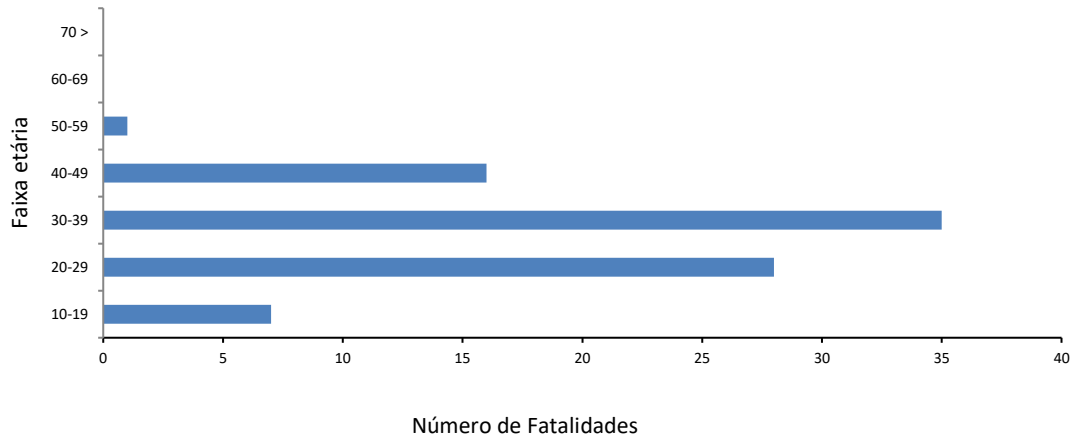


Figura 5.3-3. Distribuição etária das fatalidades de mergulho livre no Brasil, 2002–2016

janeiro de 2002 e dezembro de 2016. 93 casos (79%) foram reportados durante a prática da pesca submarina. Em 116 casos (98%) o indivíduo era homem, nos 2% restantes não foi possível identificar o sexo. 79 casos (67%) ocorreram em água salgada e 39 (33%) em água doce. A faixa etária mais afetada foi dos 30 aos 39 anos, com 35 casos (30%). Em 32 casos (27%) não foi possível conhecer a idade do mergulhador.

Nos anos de 2014, 2015 e 2016, um total de 51 casos fatais aconteceram. Número que representa 43% dos 118 casos reportados em toda a coleta de dados, revelando um aumento significativo de acidentes fatais. Somente em 2016, 24 fatalidades foram contabilizadas (20%), 12

destes somente nos 3 primeiros meses do ano, correspondendo ao verão. Foi maior média desde o início da contagem, quando média era de 4 acidentes por ano nos primeiros 9 anos do estudo.

Nós enfatizamos que este trabalho não foi desenvolvido para denegrir ou acusar o esporte, mas tão somente para levantar a questão dos riscos associados aos esporte. Pois com abordagem e técnica adequadas, pode ser praticado com riscos minimizados.

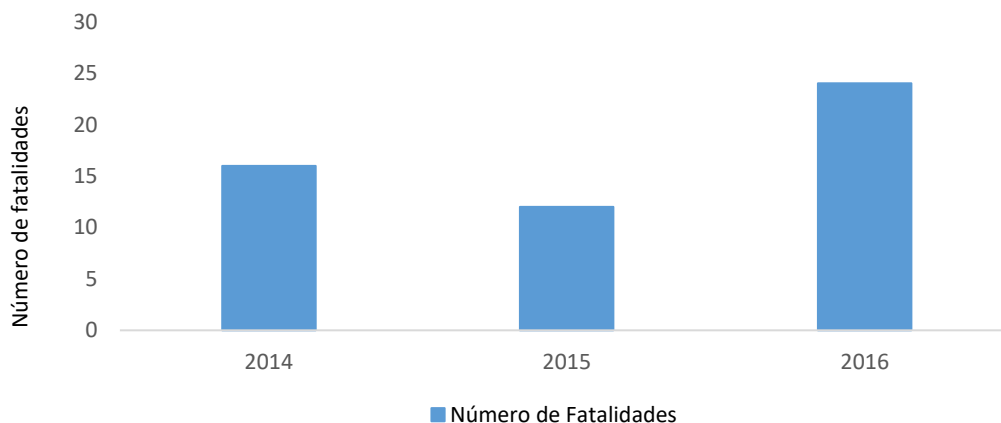


Figura 5.3-4. Fatalidades do mergulho livre no Brasil, 2014–2016

CASO 1: APAGAMENTO NO MERGULHO LIVRE. O MERGULHADOR DESAPARECEU ENQUANTO PRATICAVA PESCA SUB EM GRUPO

Mergulhador desapareceu enquanto praticava pesca sub com a técnica do mergulho livre, em um local com profundidade de 17-25 metros, em um grupo de quatro mergulhadores. As condições eram boas, água com visibilidade de mais de 20 metros, temperatura agradável de aproximadamente 23°C, e uma correnteza de mais de 1 nó. Todos os mergulhadores precisavam segurar um cabo preso ao barco, que estava ancorado, enquanto descansavam na superfície para se manterem na mesma posição e economizarem energia. Um dos mergulhadores desapareceu.

O corpo foi resgatado cinco dias depois e ainda estava com sua câmera presa à cabeça. A análise dos vídeos revelou a sequência de eventos. Ele fez dois mergulhos longos e profundos com um pequeno intervalo de descanso na superfície, cerca de 50 segundos. O áudio revelou o som da respiração na superfície e sugere que ele hiperventilou por um período muito longo enquanto descansava. Durante o segundo mergulho, ao nadar de volta à superfície, ele perdeu a consciência próximo à superfície com a cabeça submersa e foi levado pela correnteza, sem ter sido visto pelos demais mergulhadores. Ao que tudo indica, um apagamento do mergulho livre.

CASO 2: ENROSCO: PESCADOR SUB DESAPARECEU AO FAZER UM MERGULHO DE PRAIA

O mergulhador deixou a costa a partir de uma praia para praticar pesca sub. As condições estavam medianas, visibilidade da água em torno de 5 metros, alguma ondulação. Profundidade rasa de 5 a 10 metros. O mergulhador desapareceu.

O Corpo de Bombeiros foi acionado. Os socorristas dos bombeiros começaram a procurar com barcos enquanto esperavam pelos mergulhadores do Compro de Bombeiros e encontraram uma rede de pesca de espera. Eles puxaram a rede e encontraram o corpo do mergulhador enroscado, enrolado na rede de pesca.

A pesca com rede de espera é uma técnica comum no Brasil.